

2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 7



2024.1 . Ano XLI . Número 47

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Separata 7

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basilio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitt Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carri (EHIES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autnoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Universit Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Sarcfago. Estrigilado com orante masculino sobre o tema do rapto de Prosrpina, séc. III (Basilica de Sant Feliu, Girona). Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORACO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 47
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Leonardo Vichi | Rainer Guggenberger | Simone de Oliveira Gonçalves
Bondarczuk | Vinícius Francisco Chichurra

Programa de Ps-Graduao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundo 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

A construção da *Pax Augusta* e sua imagética nos *Fastos* ovidianos

Ana Thereza Basilio Vieira

RESUMO

Este trabalho pretende analisar como se deu a construção da *Pax Augusta*, considerada como um dos maiores períodos de paz entre Roma e outros povos. Algumas considerações sobre o significado de paz para os romanos durante a República e o governo de Augusto principiam este artigo, que discute, na sequência, como a literatura latina abordava o tema. A elegia, geralmente associada ao tom amoroso ou lamentoso, adquire outra conotação nas mãos de Ovídio, último dos elegíacos, que deve trabalhar – e inovar – um gênero já amplamente reconhecido. Buscaremos mostrar como o autor elabora sua concepção acerca da imagem do *princeps* nos *Fastos* como vingador e, contraditoriamente, construtor da paz romana.

PALAVRAS-CHAVE

Paz; Augusto; Ovídio; Elegia; *Fastos*; Imagética.

SUBMISSÃO 20.12.2024 | APROVAÇÃO 20.3.2025 | PUBLICAÇÃO 23.3.2025

DOI [10.17074/cpc.v1i47.66530](https://doi.org/10.17074/cpc.v1i47.66530)

E

m meio a um mundo com tantas guerras, nós nos fazemos uma pergunta, ao mesmo tempo, bastante simples e complexa: o que é a paz? Será simplesmente a ausência de guerra, como se costuma supor, ou há outros entendimentos sobre o assunto? Buscarei, num primeiro momento, abordar o que os romanos entenderam por *Pax Romana*, quando ela, efetivamente, se deu, seus antecedentes e consequências. Num segundo momento, analisaremos alguns aspectos dessa paz dentro da composição elegíaca latina e de como a *Pax Romana* se insere na elegia, mais especificamente na obra de Ovídio intitulada *Fastos*, tida como um calendário de festividades religiosas anuais.

ACEPÇÕES DE PAX E DE OUTROS CORRELATOS

Ao consultarmos os dicionários de língua latina acerca do vocábulo *pax*, *pacis*, iremos nos deparar com diferentes significados, como a paz entre dois litigantes, notadamente após algum conflito; a paz entre duas pessoas, não necessariamente resultantes de algum desentendimento, mas uma espécie de sentimento de bem-estar; tranquilidade ou calma, sobre fenômenos naturais, como a tranquilidade do mar ou do céu, mas também a tranquilidade da alma, o sossego; a benevolência ou o favor dos deuses em prol de uma pessoa, cidade ou governo. O termo pode ocorrer em expressões, como *tua pace* (com tua permissão), *in pace* (em paz), *Pace et bene!* (Paz e bem!), *Pax Romana*, entendida como a paz do império romano ou o período de domínio pacífico de Roma. Existe a interjeição *Pax!* para pedir que se faça silêncio no ambiente e o termo pode ainda se referir a uma divindade personificada.

A paz é, portanto, um processo dinâmico, não evidenciado apenas pela cessação de guerras, mas dependente de situações sociais e/ou culturais diversas, entre as quais se encontra a ausência de sofrimento e a liberdade de ação ou de produção. Não seria de se estranhar que a paz resultante de um acordo de

guerra – lembremos dos dias atuais com os incessantes pedidos de paz pelas guerras em andamento – fosse a primeira, e talvez uma das mais importantes, significações a vir à nossa mente. Entretanto, o momento de tranquilidade, comumente associado ao ócio, também pode ser compreendido como paz. O vocábulo *otium*, o ócio, além da oposição ao *negotium*, o negócio ou os afazeres, também pode ser entendido como a paz ou a tranquilidade obtida através de um acordo ou a convenção entre duas partes, sobretudo se usado em oposição a *bellum*, a guerra, remetendo a um período de repouso, de serenidade. Segundo Cornwell,¹ *pax* é uma expressão laudatória ou a explicação para um período do império romano, sob o governo de Augusto, e, ao mesmo tempo, uma condenação à própria forma com que o imperialismo justificava seus propósitos. Mas, para entendermos um pouco melhor esta explicação, faz-se mister voltarmos um tanto no tempo.

Concorrem com o uso de *pax*, além de *otium*, os termos *concordia*, *quies* e *tranquillitas*, todos expressando o momento de tranquilidade e anuência de ações acordadas entre partes, que, entretanto, apontam para um uso diverso, isto é, de qualidades que ensejam sentimentos populares, ainda que convergentes para a tranquilidade e estabilidade do Estado. Na *Lei agrária*, Cícero diferencia *pax* e *otium*, ressaltando que a paz se relaciona a questões externas, enquanto que o ócio concerne à esfera doméstica:

*Quare qui possum non esse popularis, cum videam haec omnia, Quirites, pacem externam, libertatem propriam generis ac nominis vestri, otium domesticum, denique omnia quae vobis cara atque ampla sunt in fidem et quodam modo in patrocínium mei consulatus esse conlata?*²

Por que posso não ser popular, quando vir estas coisas, romanos, a paz é externa, a liberdade própria do gênero e do vosso nome, e o ócio é doméstico, enfim, todas as coisas que são caras e ilustres para vós em boa-fé e que, de certo modo, estão associadas à proteção do meu consulado?³

A PAZ DURANTE A REPÚBLICA

Durante o período da República Romana, o entendimento sobre guerra e paz dizia respeito às diversas esferas da vida comum, algo que se via refletido até mesmo no uso das vestimentas: quando voltavam da guerra, os homens deveriam se despir das armas e das suas capas (esfera militar/estrangeira) e envergar a toga (esfera doméstica) para poder transpor os portões da cidade. Em fins da República, conforme a manipulação de interesses políticos e pessoais para controle de indivíduos e de províncias, observava-se um incremento da insegurança e instabilidade, ensejando mudanças drásticas, que levaram ao fim dessa forma de governo. Em um período já insuflado por corrupção, revoltas, conjurações, guerras civis e externas, tornara-se óbvio que a república já não poderia mais funcionar da mesma forma que em seu começo.⁴

A tão idealizada – e desejada – república de Cícero não poderia voltar aos primórdios por ele pensados como um momento de plena harmonia, em que tudo funcionaria bem, administrativa, religiosa e socialmente. O autor principia a obra *Da República* lembrando daqueles que lutaram pelos valores republicanos, enfrentando inimigos grandiosos. Diz ele:

*<im>petu liberauissent, nec C. Duilius A. Atilius L. Metellus terrore Carthaginis, non duo Scipiones oriens incendium belli Punici secundi sanguine suo restinxissent, nec id excitatum maioribus copiis aut Q. Maximus enervauisset, aut M. Marcellus contudisset, aut a portis huius urbis avolsu P. Africanus compulisset intra hostium moenia.*⁵

Sem o amor pátrio, não teriam Duílio, Atílio e Metelo libertado Roma do terror de Cartago; sem ele, não teriam os dois Cipiãoes apagado o incêndio da segunda guerra púnica, e, quando seu incremento foi ainda maior, não o teria debilitado Quinto Máximo, nem extinguido M. Marcelo, nem impelido P. Africano às próprias muralhas inimigas.⁶

Ao fim da obra, fragmentada, veremos no episódio conhecido como o “Sonho de Cipião”, a confirmação de que a República é dirigida por homens valorosos, demonstrado através

das conquistas militares, dos triunfos e do domínio de Roma sobre os demais povos, conforme notamos nas palavras de Cipião Africano a seu neto:

*Cum autem Carthaginem deleueris, triumphum egeris censorque fueris et obieris legatus Aegyptum, Syriam, Asiam, Graeciam, deligere iterum consul absens bellumque maximum conficies, Numantiam exscindes. Sed cum eris curru in Capitolium inuectus, offendes rem publicam consiliis perturbatam nepotis mei.*⁷

Quando tiveres destruído Cartago e quando, depois do teu triunfo, tiveres sido censor e legado no Egito, na Síria, na Ásia, na Grécia, serás nomeado, ausente, novo cônsul, e darás fim à maior das nossas guerras reduzindo Numância a cinzas. Mas depois que tiveres subido ao Capitólio, levando nas rodas de teu carro a vitória escrava, serás vítima da perturbação que meu neto, com seu conselho, terá produzido na república.⁸

Falamos aqui da paz, suscitada pela interpelação “darás fim à maior das nossas guerras”, em sua primeira acepção, mas não do acordo entre duas partes e, sim, da dizimação de uma delas após a guerra por não submissão. Trata-se, pois, de uma interpretação da paz por parte dos romanos, que não mais farão guerra contra o povo ameaçador e, portanto, não irão mais se preocupar com a guerra.

Uma circunstância fundamental para a República era a *pax deorum*, a paz dos deuses, uma paz relacionada com a própria história de Roma, atestada já desde os primeiros escritos literários, já observável nas comédias plautinas,⁹ em que se pode vislumbrar o indivíduo à procura de uma conciliação com os deuses, através do culto familiar dos lares e dos penates, da observância dos dias fastos e nefastos, do culto aos antepassados, da devoção e invocação dos deuses estatais romanos. A paz era solicitada aos mais variados deuses – Júpiter, Vênus, Mercúrio – como forma de proteção e tranquilidade para os suplicantes e seus familiares. Intimamente associado a esse pedido de paz está o perdão dos deuses, a *venia*, que, desta vez, pode ser concedido por intermédio

de um “pacto”, *foedus*, entre deuses e homens, que será uma importante prerrogativa para a *Pax Romana*, como veremos mais adiante.

Outra interpretação da paz é, portanto, ao contrário desta, a submissão voluntária, de quem preferiu não travar uma guerra contra o dominador, preferindo o acordo de paz, geralmente adquirido através do envio de um emissário de paz, denominado de *legatus de pace*. Nessa mesma situação de submissão, pode ainda ser usado o adjetivo ou o particípio passado *pacatus*, -a, -um, isto é, pacificado, para se referir aos povos em tal condição. Contudo, essa definição não aponta para uma relação de submissão agressiva; ao contrário, o termo era frequentemente usado para se referir aos estrangeiros, ou seja, não romanos, que não eram *hostis* ao governo e que poderiam mesmo ajudá-los como aliados em momentos bélicos contra os verdadeiros inimigos.

Não é raro nos depararmos com a expressão em algum dos textos de Cícero e, sobremaneira, de César, para definir como outros povos se preocupavam com a possibilidade de ter o exército romano às suas portas, preparado para um enfrentamento. Em uma carta dirigida a Mescínio, Cícero se expressa acerca da negociação de paz, obtida através de uma espécie de contrato, a *condicio pacis*, a notificação de paz, dizendo:

[...] *quavis tuta condicione pacem accipere malui quam viribus cum valentiore pugnare*.¹⁰

[...] **preferi obter a paz com a segurança de um contrato** do que lutar com mais vigor contra os homens.

Do mesmo modo César, em seu *Comentário sobre a guerra civil*, relata que tentara um acordo de paz com Pompeu, em vez de se pronunciar a favor da guerra:

Atque haec Caesar ita administrabat, ut condiciones pacis dimittendas non existimaret; ac tametsi magnopere admirabatur Magium, quem ad Pompeium cum mandatis miserat, ad se non remitti [...].¹¹

Dessas coisas se ocupava César, pensando, contudo, que não devia renunciar a um **acordo de paz**, embora estranhasse muito que Mágio, que enviara com mensagem a Pompeu, não lhe trouxesse resposta [...].¹²

É interessante observar que, enquanto os embaixadores de paz eram enviados a Roma por seus inimigos, raramente Roma os enviava ao estrangeiro, e foi por esse motivo que César estranhou a ausência de uma resposta a seu legado por parte de Pompeu acerca de um acordo.

Ao nos aproximarmos do final do período republicano, em que é inegável o avanço das conquistas romanas, obtidas ora por meio de acordos, ora através de guerras ou devastações, Roma assume o controle do mundo conquistado, sobremaneira através de seu poderio militar. Entretanto, mesmo quando a paz pudesse ser feita por um acordo antes da declaração de guerra, muitas vezes esse fato poderia denotar um sinal de fraqueza, assim como a própria derrota. Porém, a diferença entre os dois – o acordo de paz ou a derrota – é que o acordo pode ser realizado por um reconhecimento de paridade entre os demais povos e Roma, não envolvendo, desta feita, nenhum sinal de fraqueza ou de submissão. Como sinal dessa proposta, dá-se o oferecimento da *amicitia*, a amizade, os laços de amizade, a aliança entre pares, que exige o cumprimento de deveres recíprocos, impensável em caso de hostilidades anteriores. Por outro lado, a paz resultante de um acordo após conflitos beligerantes tem relação intrínseca com a *victoria*, a vitória de uma das partes, que aceitou se submeter às regras impostas pela parte vencedora, isto é, por Roma, exibindo sua superioridade nas relações estrangeiras.

Apesar de, como dissemos antes, haver pedidos de uma *concordia deorum*, solicitando a paz aos deuses, e de haver até uma personificação da paz percebidas em alusões literárias, não havia propriamente um culto à paz até a época de Otávio.¹³ Até então, *Concordia*, *Fides* e *Salus* eram as divindades que recebiam o culto e as comemorações pela obtenção de vitórias, com a construção de templos em sua homenagem. Com o passar do

tempo, essas e outras divindades do panteão romano começam a receber qualificativos associados ao contexto político-militar, como *Iuppiter Stator* (Júpiter Estator), *Iuppiter Victor* (Júpiter Vencedor), *Hercules Victor* (Hércules Vencedor) ou *Hercules Invictus* (Hércules Invencível), além de *Fors Fortuna* (Acaso), *Honos et Virtus* (Honra e Virtude) ou *Fortuna Publica* (Fortuna Pública), essas últimas virtudes associadas às qualidades ensejadas pelo *uir romanus*. O culto propriamente da *Pax* foi introduzido apenas em fins da República devido à relação de Roma com o resto do mundo, que, entretanto, só recebe um altar próprio no tempo do governo de Otávio Augusto.

Ao assumir a ditadura, no início da década de 40 a.C., Júlio César principiou uma série de transformações, como a criação do calendário juliano, com a atualização e correção do número de dias do ano, quando ainda valores como vitória, guerra e paz são reconsiderados e manipulados conforme o jogo político, as posições e as relações interpessoais em busca de poder, alentados pelo ensejo da restauração da *res publica*.¹⁴ Após o cerco a Brundísio, em 49 a.C., a instabilidade de Roma aumentou. O acordo de paz, mais tarde assinado pelos triúnviros Marco Antônio, Lépido e Otávio, não se restringia mais a uma paz entre romanos e estrangeiros hostis, mas, pela primeira vez, entre os próprios romanos em desacordo. Esse tipo de circunstâncias já assinalava o fim da República, que acabaria por se consolidar em uma nova forma de governo.

A PAX AUGUSTA E SUAS INOVAÇÕES

Após o término do 2º triunvirato, Otávio assumiu o comando de todo o império como *princeps*, isto é, o primeiro entre todos, vingando a morte de Júlio César e procedendo a remodelações da forma de governo, com o intuito de restabelecer a ordem da *res publica* comprometida, restituindo ao Senado funções judiciais e legislativas e à ordem equestre os direitos de atuação como jurados em tribunais criminais, por exemplo. Não foi uma mudança exatamente pacífica, mas, decerto, necessária a

um povo que encontrava suas instituições e valores demasiadamente corrompidos, como insistiam em revelar escritores tais quais Cícero ou Salústio, este último se lamentando por ter se deixado levar na juventude por influências negativas do meio político e social romano, totalmente corrupto e corruptível. Diria o autor em *A conjuração de Catilina*:

*Sed ego adulescentulus initio, sicuti plerique, studio ad rem publicam latus sum ibique mihi multa aduersa fuere. Nam pro pudore, pro abstinentia, pro uirtute audacia, largitio, auaritia uigebant. Quae tametsi animus aspernabatur insolens malarum artium, tamen inter tanta uitia imbecilla actas ambitione corrupta tenebatur; ac me, cum ab reliquorum malis moribus dissentirem, nihilo minus honoris cupido eadem, qua ceteros, fama atque inuidia uexabat.*¹⁵

Mas eu, ainda bem jovem, de início, tal como a maioria, lancei-me com ardor à vida pública, e enfrentaram-me a í muitas adversidades. Pois imperavam, em lugar do pudor, da integridade, da virtude, a audácia, a largueza, a avidez. Embora meu ânimo, desfeito das más condutas, as desprezasse, em meio a tamanhos vícios minha idade vacilante mantinha-se corrompida pela ambição; e a mim, divergindo embora dos maus costumes dos demais, atormentava-me, pela fama e pela inveja, o mesmo desejo de honra que aos restantes.¹⁶

Era inevitavelmente necessária uma mudança de perspectivas. Em um lugar onde era constante a menção à corrupção e ambição desmedida ao invés da busca pela glória dos antepassados, não haveria como se sustentar um império em expansão. E quem assumiu o dever de proceder às mudanças foi o jovem Otávio, que deveria reinstaurar a paz em Roma, a paz doméstica, a paz contra o estrangeiro, a paz dos deuses, segundo suas próprias palavras:

*Annos undeviginti natus exercitum privato consilio et privata impensa comparavi, per quem rem publicam a dominatione factionis oppressam in libertatem vindicavi.*¹⁷

Aos dezenove anos, formei um exército por minha iniciativa e às minhas custas. Com ele restitui à liberdade a república oprimida pelo domínio de uma facção.¹⁸

Os romanos presenciaram um fato extraordinário após alguns anos de governo: as portas de Jano, que frequentemente se abriam e fechavam conforme os tempos de guerra e paz, então passariam um longo tempo fechadas, levando ao que foi denominado como a *Pax Romana* ou a *Pax Augusta*, que se tornou um dos maiores tempos de paz conhecido pelos romanos. E, no entanto, não foi o governo de Otávio totalmente pacífico, como se pode entrever a seguir:

*Bella terra et mari civilia externaque toto in orbe terrarum saepe gessi, victorque omnibus veniam petentibus civibus peperci. Externas gentes, quibus tuto ignosci potuit, conservare quam excidere malui. [...] Laurum de fascibus deposui in Capitolio, votis quae quoque bello nuncupaveram solutis.*¹⁹

Muitas vezes fiz guerras, civis e externas, na terra e no mar por todo o mundo, e, vencedor, poupei todos os cidadãos que pediam clemência. Prefери conservar a destruir os povos estrangeiros a que se pôde, com a devida segurança, perdoar. [...] Depositei no Capitólio o louro dos fasces, em cumprimento dos votos que solenemente eu havia feito para cada guerra.²⁰

Alusões à submissão de povos, como os panônios ou os dacos, compõem a narrativa dos *Feitos do divino Augusto* ou no retrato do *princeps* que Suetônio delineia. Inúmeras foram as empresas de Otávio, e algumas foram significativas para a construção de sua imagem como homem forte. Ainda durante o período da República, durante determinados enfrentamentos, os exércitos romanos haviam perdido seus estandartes e insígnias, promovendo uma desonra que há tempos atormentava os espíritos romanos. Otávio tomou como empresa própria recuperar esses estandartes e, por conseguinte, triunfar sobre o inimigo.

Novamente, leremos nas palavras de Augusto a referência à recuperação dos artefatos:

*Signa militaria complura per alios duces amissa devictis hostibus recepi ex Hispania et Gallia et a Dalmateis. Parthos trium exercitum Romanorum spolia et signa reddere mihi supplicesque amicitiam populi Romani petere coegi. Ea autem signa in penetrali quod est in templo Martis Ultoris reposui.*²¹

Recuperei, ao vencer inimigos na Espanha, na Gália e entre os dálmatas, muitos estandartes militares perdidos por outros comandantes. Obriguei os partos a devolver-me os espólios e as insígnias de três exércitos romanos e a rogarem súplices a amizade do povo romano. Guardei essas insígnias nos penetrais do templo de Marte Vingador.²²

No entanto, também se manifesta o acordo de paz ou Otávio recebe os mensageiros sobre a paz entre os povos, sendo a boa-fé oferecida aos estrangeiros, como prenúncio de tempos de paz e prosperidade. Em Roma passaram a ser privilegiadas as construções de templos a Marte, Júpiter Tonante e Ferétrio ou Júpiter da Liberdade, a Quirino, à Grande Mãe, entre tantas outras divindades, representativas dos novos tempos. Percebe-se, então, uma transição: dos votos de início quase que exclusivamente dedicados a Marte, Marte Vingador, passou-se ao devotamento aos deuses que, de algum modo, intuía a celebração da paz, reverberando a forma como o jovem Otaviano começou a governar até a sua ascensão a Augusto. Mas talvez uma das mais exemplares construções não tenha sido encomendada por Otávio e, sim, dedicada a ele: a *ara Pacis Augustae*, quando do seu retorno com os estandartes recuperados em sua investida na Espanha e na Gália, um altar mandado erigir pelo senado, constituindo-se na primeira celebração pública de um Templo à Paz, aonde sacerdotes, virgens vestais e senadores deveriam fazer votos anuais com sacrifícios.²³

Otávio procedeu à restauração do Capitólio, da Cúria e do Circo, à edificação do Foro de Augusto, da Basílica Júlia e do

Pórtico de Otávia, à reconstrução de inúmeros templos em situação precária, além da reurbanização de Roma. Principiou a instauração de jogos e festivais, mormente espetáculos teatrais e gladiatórios, corridas e caçadas; restaurou o número de senadores, já insuflado pelos jogos políticos de fins de República, e antigos costumes romanos, implementando leis, sobre o casamento ou o divórcio, além de restabelecer a administração de cada magistrado anual. Quando, em 27 a.C., recebera poderes como cônsul e procônsul, ficando legalmente com a direção da política externa, da administração interna e de grande parte do exército, o sistema de governo passou a ser designado oficialmente de *respublica restituta*, significando que o poder tinha sido restituído aos “legítimos detentores, o Senado e o Povo de Roma”, nas palavras de Grimal.²⁴ No fim, Augusto era a pessoa com maior *auctoritas*, autoridade, dentro do Senado, graças a seus atos anteriores e não devido ao uso de força bruta.

Com relação aos atos religiosos, agiu com mão firme contra a circulação de livros proféticos, inclusive os sibilinos, deixando apenas uma seleção de excertos em lugar especial. Providenciou a reparação de antigos cerimoniais, como a celebração dos Jogos Seculares e os jogos votivos a Júpiter. As atitudes de Otávio e de sua família espelhavam, em verdade, a construção de uma imagem, poderosa, preocupada com seu povo, ansioso por revitalizar os bons costumes, ao mesmo tempo refletindo a imagem do Império Romano como o mais propício e poderoso do mundo, conquistador, mas ao mesmo tempo “benévolo” para com o adversário, capaz de olhar para o futuro, graças à revitalização de seu passado. Imagem essa que não é naturalmente unânime, como demonstra Suetônio, ao relatar as fraquezas do imperador com relação aos costumes e à licenciosidade:

*Adulteria quidem exercuisse ne amici quidem negant, excusantes sane non libidine, sed ratione commissa.*²⁵

Nem mesmo seus amigos negam que tenha incorrido em adultério, certamente oferecendo como desculpa para isso não a luxúria, mas o emprego de cálculo [...].²⁶

Ou então:

*Circa libidines haesit, postea quoque, ut ferunt, ad vitiandas virgines promptior, quae sibi undique etiam ab uxore conquirentur.*²⁷

Permaneceu ligado aos prazeres e, segundo dizem, maior foi em seguida sua disposição em desonrar virgens que lhe eram trazidas de todos os lugares até mesmo por sua própria esposa.²⁸

A construção da imagem positiva a seu respeito, entretanto, foi propiciada pelas artes, no número significativo de imagens lapidadas, na cunhagem de moedas e nas referências literárias.²⁹ O próprio *princeps*, já Augusto, providenciara para que a literatura refletisse as façanhas, os cultos, as práticas votivas, os festivais, enfim, todas as boas coisas que seu principado trazia para o maior império do mundo.

A LITERATURA SOB OS AUSPÍCIOS DE AUGUSTO

Mecenas, amigo e camarada³⁰ de Augusto, providenciara que os autores, sobretudo aqueles que frequentavam seu círculo literário, fizessem alusões aos feitos de Augusto, mas, apesar dos esforços de Mecenas em tentar direcionar os poetas de seu grupo, não conseguia lograr êxito em convencer algum dos poetas a compor uma epopeia. As recusas eram inúmeras, pois muitos desses mesmos autores tinham perdido terras, dinheiro, passaram por guerras e se viam desanimados, recusando-se a escrever as façanhas, com as desculpas, muitas vezes, de que eram provenientes do campo e que, portanto, preferiam celebrar o próprio campo, declarando-se indignos ou incapazes de tamanha produção. Mas, apesar das tentativas infrutíferas, a literatura latina teria, enfim, a sua epopeia e outras composições que remetiam à renovação, ou melhor dizendo, à restituição de alguns valores já perdidos ou deturpados nos últimos decênios.³¹

Após iniciar sua carreira literária rememorando cenas idílicas e o próprio campo, nas *Éclogas* e nas *Geórgicas*, envolvidos já em situações e alusões políticas, Virgílio, enfim, compôs a *Eneida*, poema épico que celebrava o herói Eneias, filho da deusa Vênus, guerreiro troiano escolhido para dar origem a uma linhagem, que, anos depois, fundará um povo por meio de guerras e combates diversos. O fundador de Roma, Rômulo, era filho de Marte, deus da guerra, prenúncio do valor desse povo, que lutava por suas conquistas. A composição da obra teve início após a batalha de Ácio, a pedido de Mecenas. Como salienta Grimal, “O poema, com efeito, apresenta a justificação mítica da vocação dos *Iulii* [...]”.³²

Horácio, autor de sátiras, odes, epodos e epístolas, cantando os prazeres da mesa e das amizades, se incumbiu de escrever um hino a ser entoado durante os Jogos Seculares, no dia 3 de junho de 17 a.C. Considerado um canto de paz, o *Cântico secular*, com um coro de rapazes e outro de moças, celebrava a conclusão de sacrifícios em honra aos deuses Apolo e Diana, marcando os novos tempos de segurança do estado, ensejados pela “paz dos deuses”, a *pax deorum*, mas igualmente lembrando das origens divinas do príncipe, e aludindo também ao guerreiro Eneias. Naturalmente, os valores primordiais enunciados eram “*Fides et Pax et Honos Pudorque/ priscus et neglecta ... Virtus...*”,³³ isto é, “a Lealdade, a Paz, a Honra e o antigo Pudor,/ e a desprezada... Virtude...”.³⁴ Os jogos, apesar de serem uma celebração antiga, recebiam outra roupagem, com a introdução de divindades associadas à fertilidade e abundância, ao casamento e a rituais diurnos,³⁵ além dos Destinos. Assim, celebrava-se não só o retorno de Augusto com os estandartes resgatados, mas também o triunfo de Roma por todo o mundo, estabelecendo a paz como princípio condutor de governo.

Suetônio, na vida do Divino Augusto, falava sobre a verve literária do próprio *princeps*, que compusera obras em prosa em gêneros variados, recitando-as em círculos literários e familiares.³⁶ Sobre o estilo, dizia Suetônio, era

*Genus eloquendi secutus est elegans et temperatum, vitatis sententiarum ineptiis atque concinnitate et “reconditorum verborum”, ut ipse dicit, “fetoribus”.*³⁷

Elegante e sóbrio, evitando a frivolidade das sentenças e a desarmonia e, como ele mesmo diz, o “ranço das palavras arcaicas”.

Apesar disso, teria usado em algumas epístolas expressões da fala cotidiana.

Por fim, não foi graças aos esforços de Mecenas que os poetas celebraram os feitos do *princeps*, mas por causa da revolução por ele propiciada em diversas esferas, como vimos.

A POESIA ELEGÍACA SOB AUGUSTO

Ainda sob os holofotes da literatura da época de ouro, como será denominada a literatura do período augustano, houve espaço para um novo gênero literário, que viu suas luzes começarem a brilhar em fins de República com Cornélio Galo e Catulo. Tratava-se da elegia, com propósitos diversos, como patriótico, político, proverbial, amoroso, lamentoso, sendo, por este último tema, muito apropriado ao uso em epitáfios. Poetas alexandrinos como Calímaco e Filetas teriam influenciado os poetas latinos desde Catulo, chegando a Tibulo, Propércio e Ovídio.³⁸

Mas o que constituía a elegia, uma vez que abrangia temas tão diversos entre si? O uso do dístico elegíaco, formado por um hexâmetro seguido de um pentâmetro, metro já afeito ao uso latino, de epigramas e sátiras. A temática, igualmente, não era uma novidade para Roma. Segundo Duff,³⁹ a inovação residia no fato de que os poetas latinos levaram a elegia ao refinamento de sua forma e fizeram do dístico elegíaco o metro da poesia amorosa por excelência. Muito embora esse não fosse o único tema trabalhado dentro da elegia – sendo o patriotismo, o lamento ou a vida campestre igualmente celebrados –, foi através do amor que a elegia em Roma conheceu sua maior expressão.

O império reconhecido, então, não era mais aquele de Júlio César ou de Otávio Augusto, mas o império do amor, de suas guerras e vitórias, das investidas, no campo ou na grande urbe. A glória passou a ser a da conquista amorosa, a *militia amoris*. Os leitores presenciaram os flertes, as recusas da jovem amada, a insistência do poeta inflamado, a aceitação, primeiramente parcial e logo depois total, das investidas, mas também as decepções, as traições, o término das relações. E cada um dos poetas elegíacos teve seu lugar na literatura: Galo, cuja poesia se perdeu quase que completamente nos dias atuais, foi o introdutor do gênero; Propércio foi reconhecido por sua elegância e Tibulo pela suavidade. Todos levavam ao perfeccionismo do gênero. A elegia era, pois, considerada como uma espécie de fenômeno literário e social, revelando relações em todas as fases, com as alegrias e tristezas. As mulheres também participaram desta empreitada, muito embora só tenhamos as elegias de Sulpícia.⁴⁰ Porém, a participação das mulheres se encerrava na própria ação dos relacionamentos: geralmente eram descritas como libertas, se levarmos em conta os nomes das amadas e suas prováveis referências com mulheres da vida real. E, não obstante a inclinação a esse tipo de mulheres, de modo algum elas representariam as mulheres leitoras das elegias, dentre as quais se deveria contar jovens casadas da classe abastada.

Mas e Ovídio, o último dos elegíacos, separado já no tempo e trabalhando com um gênero que já parecia ter esgotado todas as suas formas? O que restaria a ele a ser trabalhado? O poeta levaria o gênero a outro patamar, ainda que em sua juventude escrevesse igualmente elegias amorosas, com a composição da *Arte de amar* e dos *Amores*. Instigado a celebrar os feitos de Augusto, como os demais autores, não deu ouvidos a seu mentor, chegando a dar ilusões de que o faria na elegia 1.1 dos *Amores*. Escreve o poeta:

*Arma gravi numero violentaque bella parabam
edere, materia conveniente modis.
par erat inferior versus – risisse Cupido
dicitur atque unum surripuisse pedem.*

[...]

*Questus eram, pharetra cum protinus ille soluta
legit in exitium spicula facta meum,
lunavitque genu sinuosum fortiter arcum,
‘quod’ que ‘canas, vates, accipe’ dixit ‘opus!’
Me miserum! certas habuit puer ille sagittas.
Uror, et in vacuo pectore regnat Amor.
Sex mihi surgat opus numeris, in quinque residat:
ferrea cum vestris bella valete modis!⁴¹*

Armas, em ritmo pesado, e combates violentos, estava eu prestes
A cantá-los – o assunto assentava bem ao metro;
Era igual o segundo verso [ao primeiro]; Cupido soltou uma gargalhada,
Diz-se, e surrupiou-lhe um pé.

[...]

Acabava eu de queixar-me, quando ele, de pronto, abriu a aljava,
Escolheu os dardos aprontados par ame arrasar,
Dobrou com vigor sobre o joelho o arco recurvo
E disse “Toma lá, ó poeta, assunto para cantares!”
Desgraçado de mim! Certeiras foram as setas daquele menino!
Todo eu inflamo, e no coração vazio passa a reinar o Amor.
Com seis pés há de começar o meu trabalho, em cinco há de assentar;
Adeus, ó feros combates, com vossos ritmos!⁴²

O autor insinua que fará uma epopeia, iniciando o poema com as armas e o ritmo pesado, isto é, de seis pés, o metro usado nesse gênero de composição. No entanto, no meio do v. 3 o autor frustra as esperanças, colocando Cupido em ação, a surrupiar-lhe um pé, ou seja, deixando o segundo verso com cinco pés, transformando, desta feita, o poema em elegia. Prosseguirá o poema com alusões à epopeia, mas, por fim, vence o Amor, que lhe deixa o ritmo alquebrado, com o primeiro pé pleno e o segundo manco. Resta ao poeta dar adeus aos combates feros e iniciar os combates ternos: *militat omnis amans*⁴³ (“Todo amante combate”).

Portanto, nada de celebração dos feitos gloriosos ou da restauração dos antigos costumes propostos por Augusto, tampouco das leis sobre os casamentos. Muito ao contrário, a elegia celebrava o amor sem intenções de casamento, com traições, que apimentavam as relações, ensinando os leitores a descobrir

como iriam terminar as aventuras – ou os combates (*militia*) – amorosos. Anos depois Ovídio seria relegado ao exílio, no ponto mais distante do império romano, em uma região onde sequer se falava latim, como o autor lamenta nas *Tristezas*, primeira obra dessa época.

Entrementes, Ovídio compõe outras obras ainda em Roma e, enfim, surgiu a tão ansiada epopeia, porém uma epopeia mitológica, *As metamorfoses*, que pressupunham as transformações ocorridas por conta dos deuses, narrando geralmente as investidas amorosas de divindades sobre humanos, que, ao tentarem se desvencilhar de seus perseguidores, são metamorfoseados em plantas, animais, etc.

Mas, interessa-nos outra obra, iniciada antes de sua partida para o exílio e revista já em terra tomense: os *Fastos*. É sobre esta obra que iremos nos deter doravante.

OS FASTOS E A CELEBRAÇÃO DO CALENDÁRIO

Os *Fastos* seriam um calendário das festividades religiosas de Roma, destacando os ritos desde as origens do império, o qual tem seu princípio justamente com Jano, deus de duas faces, que dá início ao ano novo e, ao mesmo tempo, encerra o ano que passou. Pela duplicidade do primeiro deus a ser exaltado, é de se esperar que a duplicidade, ou a ambiguidade, perpassasse essa obra. O calendário, entretanto, é parcial, uma vez que avança tão somente até o mês de junho, talvez devido a *relegatio* do poeta, talvez porque ele mesmo não tivesse pretensões de o terminar, uma vez que já em Tomos conseguiu fazer a revisão desta obra e ainda produzir outras tantas, à espera de voltar.⁴⁴

Não podemos ter certeza dos motivos que levaram o *princeps* a ter tomado medidas tão drásticas com relação ao poeta. Dizia Ovídio, em suas *Tristezas*, que cometeu um erro, uma falta, pela qual implorava o perdão. A alegação seria a composição da *Arte de amar*, obra contrária aos princípios augustanos. No entanto, fazia muitos anos da composição da obra e outros poetas já tinham se aventurado em poesias amorosas, como vimos, sem

sofrer nenhuma punição. Há ainda quem⁴⁵ alegue ter sido a *relegatio* ovidiana apenas literária e não física, deixando o poeta sem as trocas de ideias tão preciosas ao aperfeiçoamento literário.

Erker⁴⁶ define os *Fastos* como uma “reflexão didático-elegíaca”, pois ali podem ser observados os valores e as virtudes apregoados por Augusto como seu princípio, além de suas próprias conquistas. Mas, como há pouco apontamos, a obra revela uma série de ambiguidades, que levam ao questionamento, para o bom leitor, do intento verdadeiro do poeta. Lembremos que Augusto propusera, a título de exemplo, a *Lex Iulia de adulteriis coercendis*, reprimindo atitudes “inaceitáveis”, tais como os adultérios. A *domus Augusta* deveria servir de exemplo ao povo, apresentando-se como respeitável e seguidora dos costumes primevos, que remontavam à criação da Cidade, mas não foi isso que relataram os escritores sobre os relacionamentos da jovem filha de Otávio.

A autoridade do *princeps inter pares*, o primeiro entre iguais, recaía também sobre a religião. Não uma religião estatal, mas familiar, pessoal. A ligação com o divino, proposta na *Eneida* e no *Cântico secular*, deveria ser perpetuada também nos *Fastos*, ajudando a manter a imagem poderosa de Augusto, de Lívvia, sua esposa, e de Tibério, seu descendente. Ao tomar as proposições imperiais em sua obra, Ovídio as transforma em proposições elegíacas. Enquanto nas primeiras obras o autor se centrava nos triunfos, embora em tom jocoso, agora a religião recebe a atenção do poeta.

Jano, o deus bifronte, alude à *Pax Augusta*, falando sobre a abertura e fechamento de suas portas:

*‘at cur pace lates, motisque recluderis armis?’
nec mora, quaesiti reddita causa mihi est:
‘ut populo reditus pateant ad bella profecto,
tota patet dempta ianua nostra sera.
pace fores obdo, ne qua discedere possit
Caesareoque diu numine clausus ero.’⁴⁷*

“Por que fechas na paz e abres na guerra as portas?”
Recebi sem demora sua resposta:
“P’ra que se abra o regresso aos que foram p’ra guerra,

Tiradas traves, se abrem minhas portas.
Cerro-as na Paz, p'ra que por elas não escape;
Sob César, fechar-me-ei muito tempo".⁴⁸

César é Otávio, em seu regresso da Síria com os estandartes resgatados. Após esse episódio, as portas de Jano finalmente poderão ser cerradas e a paz estará instaurada. Em outro episódio dos *Fastos*, ao narrar a morte de Crasso⁴⁹ e a consequente tomada das Águias pelos partos, Ovídio alude ao vingador da afronta, usando para Otávio um dos epítetos de Marte, *ultor*.

*Crassus ad Euphraten aquilas natumque suosque
perdidit, et leto est ultimus ipse datus.
'Parthe, quid exultas?' dixit dea 'signa remittes,
quique necem Crassi vindicet ultor erit.'*⁵⁰

No Eufrates, Crasso perde os seus, o filho e as Águias,
E ele próprio foi dado, enfim, à morte.
"Que exultas, pártio?", disse a deusa. "Entrega as Águias;
U'ultor virá vingar de Crasso a morte".

Vesta é a deusa, cujas palavras profetizam os feitos de Otávio, que, ao retornar a Roma, assegura a continuação da chama eterna, encerrada no templo da deusa, a velar pela segurança da pátria. A ligação do *princeps* com a deusa já ocorrera em passagem anterior, no mesmo tom, quando, em 5.473-477, em honra ao sacerdote de Vesta, isto é, Júlio César, ele invoca Marte Ultor para propiciar a sua vingança.

Voltando ao mês de Janeiro, este se encerra aludindo à *ara Pacis*, ensejando um ano de tranquilidade, com as portas de Jano finalmente cerradas, pelo término do mês e pela paz a se instalar, após as vinganças recém-descritas e após a batalha de Ácio, em que Otávio vencerá seu ex-companheiro de triunvirato, Marco Antônio, o qual fizera alianças com Cleópatra no Egito, frustrando as pretensões de Otávio. Neste momento já não há mais lugar para triunfos, pois esses são sinônimo de guerras; já não será mais esse o caso, ou, ao menos, seria isso que ironicamente

Ovídio transmitia no início da obra, o qual ainda irá discorrer sobre outros eventos bélicos, dizendo:

*Ipsam nos carmen deduxit Pacis ad aram:
haec erit a mensis fine secunda dies.
frondibus Actiacis comptos redimita capillos,
Pax, ades et toto mitis in orbe mane.
dum desint hostes, desit quoque causa triumphi:
tu ducibus bello gloria maior eris.
sola gerat miles, quibus arma coerceat, arma,
canteturque fera nil nisi pompa tuba.
horreat Aeneadas et primus et ultimus orbis:
siqua parum Romam terra timebat, amet.
tura, sacerdotes, Pacalibus addite flammis,
albaque perfusa victima fronte cadat;
utque domus, quae praestat eam, cum pace perennet
ad pia propensos vota rogate deos.⁵¹*

O próprio poema nos levou à Ara da Paz:
Dois dias faltarão p'r'o fim do mês.
Com a cabeça pelos louros do Ácio ornada,
Chegas, ó Paz, e mansa no orbe fica.
Como falta inimigo, os triunfos não têm causa,
Dos generais serás a maior glória.
Que o soldado só empunhe armas p'ra armas tolher,
E apenas pompas toque a fera tuba.
Do início ao fim do mundo temam-se os enéades.
Que ame Roma, se há alguém que não a tema.
Ó sacerdotes, incensai a Ara da Paz!
Banhada a face, tombe a branca vítima.
E, co'a casa que traz, que a Paz seja perene
Aos deuses favoráveis suplicai.

A vítima sacrificial é um dos ritos antigos, que Otávio resgata, sendo a *victima*, o animal oferecido em honra aos deuses, sinal de agradecimento pelo bom êxito das empresas. A vítima branca prenuncia que não é um momento de guerra, nem de apaziguamento da cólera dos deuses, mas um reconhecimento pelo favorecimento recebido.

Ironicamente, no mês de fevereiro, Ovídio procederá a uma dedicatória a Augusto, usando do mesmo vocabulário e discurso que se utilizava para cantar os amores furtivos dos

amantes, na obra *Amores*: as milícias, entre os amantes, se tornaram aqui as milícias do poeta na exaltação de Augusto, onde o poeta diz empunhar armas, não as da guerra e, sim, as da pena, que escrevem a narrativa “épica” a que fora incitado a compor, dizendo:

*idem sacra cano signataque tempora fastis:
ecquis ad haec illinc crederet esse viam?
haec mea militiæ est; ferimus quæ possumus arma,
dextraque non omni munere nostra vacat.
si mihi non valido torquentur pila lacerto
nec bellatoris terga premuntur equi,
nec galea tegimur, nec acuto cingimur ense
(his habilis telis quilibet esse potest),
at tua prosequimur studioso pectore, Caesar,
nomina, per titulos ingredimurque tuos.
ergo ades et placido paulum mea munera voltu
respice, pacando siquid ab hoste vacat.*⁵²

Coisas sagradas canto, e assinaladas datas:
Quem creria que fosse o meu caminho?
Essa é minha milícia; empunho armas que tenho,
Minha mão a nenhum deve se furtar.
Se, com válido braço os pilos não atiro,
Nem peso do corcel guerreiro o dorso,
Se elmo não uso e afiada espada não me cinge
– qualquer um pode nisso ser perito –,
Eu, co’animoso coração, sigo teu nome,
Ó César, e teus títulos percorro.
Vem, e um propício olhar volta p’r’os meus esforços,
Se na obra de impor paz restar-te tempo.

É clara a alusão final ao “pedido de paz” de Ovídio a Augusto, já relegado ao exílio, comunicando que não se furtará a escrever sobre as empresas do imperador, mas não é, nem nunca será, capaz de empunhar armas que não no papel. Ele não é o homem de ação que se embate contra o inimigo em campo aberto, pois seus embates se dão na ponta da pena, dentro de suas obras. A ambiguidade entre o reconhecimento de César Augusto pelos esforços militares de quem lutou para a construção da paz – recordemos que uma das prerrogativas da sua política era

justamente dar reconhecimento aos veteranos de guerra, sem, contudo, dar-lhes mais do que era esperado, como outrora – e o reconhecimento do poeta, como autor elegíaco, dá início a um combate em outro campo.

Neste mesmo livro, um pouco mais adiante, Ovídio volta a fazer uso de um vocabulário elegíaco, descrevendo-se como demente, pois estaria fora de si ao usar o metro errado para tratar de um assunto épico:

[*Q*uid volui demens elegis imponere tantum / ponderis?
*heroi res erat ista pedis.*⁵³

Como demente, eu pude impor tamanho peso/ a uma elegia,
se épico era o assunto?

Demens era o apaixonado, como Catulo já chamava a *persona* de Catulo, no poema 8, que não conseguia mais raciocinar por causa da paixão. Trata-se de uma homenagem ao poeta veronês e, simultaneamente, um gracejo ovidiano, pois logo acima ele se recusara a conceber uma obra épica e continua a composição dessa elegia onde, na sequência, chama, ironicamente, a Augusto de “santo Pai da Pátria”, realizando uma comparação entre o governante e Rômulo, o verdadeiro “pai” de Roma, construtor dos muros da Cidade, que Augusto ampliou. Júpiter, pai dos deuses e dos homens, é citado para lembrar que, enquanto o deus preside aos céus, Augusto preside à terra, estendendo o território romano por todo o orbe, a leste e a oeste.⁵⁴ Ao traçar a comparação com Rômulo, inicia-se um confronto entre ambos, ressaltando o lado negativo do primeiro e o positivo do segundo: enquanto o fundador da cidade é designado como o raptor (das mulheres sabinas), que cometeu e acolheu crimes (dos seus auxiliares na construção da cidade), que usou da força para construir seu reino, por isso chamado de Senhor, culpado pela morte de seu irmão e, ainda assim, transformado em um deus, por outro lado, Augusto propicia os castos casamentos, expulsa os criminosos, promulga leis para o bem-estar público, é chamado de Príncipe, isto é, o primeiro, perdoa aos inimigos e tornou um deus seu pai, César.

*tu rapis, hic castas duce se iubet esse maritas;
tu recipis luco, reppulit ille nefas;
vis tibi grata fuit, florent sub Caesare leges;
tu domini nomen, principis ille tenet;
te Remus incusat, veniam dedit hostibus ille;
caelestem fecit te pater, ille patrem.*⁵⁵

Tu raptas, ele ordena os castos casamentos;
No bosque o crime acolhes, e ele o expulsa.
A força aprova-te, viceja a lei com César,
Chamaram-te Senhor, e a ele, Príncipe.
Remo te acusa, ele perdoa os inimigos;
Teu pai te fez um deus, e ele, ao pai.

CONCLUSÃO

Vimos que a paz pode ter significados variados: tranquilidade, paz de espírito, segurança, ausência de guerras, favorecimento dos deuses. Essa variedade de expressões se dá pela própria história de Roma, que vai modelando o discurso, conforme os interesses políticos, sociais, sobretudo a partir dos anos finais da República, assolada pela dissolução dos costumes e pela corrupção, enfim, pelos interesses pessoais. O sistema de governo já não acompanha mais os conflitos constantes, internos e externos, levando a uma mudança drástica ainda dentro da própria República. Com o assassinato de Júlio César, porém, abre-se outra prerrogativa: a de instaurar – ou reinstaurar – os costumes antigos, a religião, a ordem. A paz será instaurada, mas antes disso Augusto irá se tornar um Marte Ultor, vingador da morte de César e de Crasso; instituirá o 2º triunvirato, mas punirá Marco Antônio por ter deixado os negócios de Roma e formar uma aliança com Cleópatra, rainha do Egito; irá restituir os estandartes perdidos e só então fechará as portas de Jano.

A literatura tem uma série de obras nesse tempo, agraciada pelas benesses de colaboradores, como Mecenas, camarada de Augusto, que insiste na composição de uma epopeia para assinalar a ligação divina da *domus Augusta* com o mítico

herói Eneias, filho de Vênus, ancestral de Rômulo, fundador de Roma. Entretanto, cansados e desesperançados, os poetas, enunciados ao longo do artigo, se revelam descrentes de uma paz permanente; recusam a empreitada, sem, contudo, deixar de exaltar as melhorias proporcionadas pelos novos tempos. A aceitação caminhou a passos lentos, mas contínuos, até que Virgílio ceda à tarefa de compor a tão ansiada epopeia.

Mas, ao mesmo tempo que florescia uma literatura engajada, outro tipo de literatura ganha espaço: a elegia, que propõe outras leituras. Prolixa em temas, é o amoroso, ao lado do lamentoso, que cai no gosto do auditório, masculino e feminino, que vê reverberar nas linhas elegíacas, inteiras e mancas, uma canção do dia a dia, das paixões, dos combates amorosos, de seus encantos e desilusões. Ainda que Tibulo e Propércio fossem um tanto mais contidos na representação, não deixam de exaltar ora a vida no campo, ora os negócios da atribulada Roma, até surgir Ovídio, o último dos elegíacos, que recebe a dura tarefa de dar vida nova a um gênero que já parecia esgotado.

Administrando com maior refinamento ainda o metro escolhido, o sulmonense deu vigor à elegia amorosa. Assim como os predecessores, se negou a compor uma epopeia, mostrando que seus combates são outros: eles se dão através do bico da pena e não com armas, cavalgando feros corcéis ou empunhando uma espada. Aprazia ao poeta o jogo de palavras, as insinuações, as investidas, as recusas; seu inimigo era o rival que lutava pela amada, não por um território. Mas, esse não era o único tema celebrado. Nos *Fastos*, obra composta antes de sua partida para o exílio e lá burilada, teve por intuito falar sobre o calendário das festividades religiosas.

O calendário iniciava, como podíamos supor, com o mês de janeiro, dedicado a Jano, deus de duas faces, que abre e encerra o ano, que abre as portas para a guerra e as fecha no momento de paz. Ovídio discorre acerca das festividades e dos deuses propiciados, lembrando que Augusto promovera um discurso sobre o resgate dos antigos costumes, entre os quais as celebrações primevas. Marte, o deus da guerra, é lembrado em inúmeras

alusões ao longo do poema que, por fim, ensejará a comparação com Augusto em sua atribuição de Vingador. Assim como Marte, Augusto se torna Ultor. O discurso de segurança por meio do sucesso das empresas militares e pela piedade de Augusto aos deuses é contínuo. Ainda que aqui e acolá Ovídio insinue um pedido de perdão, da misericórdia tanto propagada pelo *princeps*, seu discurso é irônico e ambíguo, como Jano. Uma elegia que finda falsamente propondo uma continuidade, que sabemos não vir, e ironizando o decoro de Augusto, que propusera leis contra o adultério e os casamentos apressados, menciona o adultério de Márcia. É com essas palavras que terminamos nossa leitura:

*nec, quod laudamus formam, tu turpe putaris:
laudamus magnas hac quoque parte deas.
nupta fuit quondam matertera Caesaris illi:
o decus, o sacra femina digna domo!
sic cecinit Clío, doctae adsensere sorores;
adnuít Alcides increpuitque lyram.*⁵⁶

“Não julgues torpe elogiarmos tua beleza;
Elogiamos assim também as deusas.
A mulher dele foi outrora tia de César,
Ó decoro, ó mulher digna da casa!”
Assim Clío cantou, as irmãs confirmaram
E o Alcides concordou, tocando a lira.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how the *Pax Augusta* was constructed, considered one of the greatest periods of peace between Rome and other people. Some considerations about the meaning of peace for the Romans during the Republic and the govern of Augustus begin this article, which then discusses how Latin Literature approached the theme. The elegy, generally associated with a loving or lamenting tone, acquires another connotation in the hands of Ovid, the last of the elegiacs, who had to work on – and innovate – a genre that was already widely recognized. We will seek to show how the author develops his conception of the image of the princeps in the *Fasti* as an avenger and, contradictorily, a builder of Roman peace.

KEYWORDS

Peace; Augustus; Ovid; Elegy; *Fasti*; Imagery.

REFERÊNCIAS

- A vida e os feitos do divino Augusto.** Textos de Suetônio e Augusto. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos, Antônio Martinez de Resende. Belo Horizonte: EdUFMG, 2007.
- ARENA, Valentina. The Notion of Bellum Civile in the Last Century of the Republic. In: POLO, Francisco Pina (ed.). **The Triumviral Period: Civil War, Political Crisis and Socioeconomic Transformations.** Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p. 101-126.
- CÉSAR, Caio Júlio. **A guerra civil.** Introdução, tradução e notas Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Da República.** Tradução e notas Amador Cisneiros. 2. ed. São Paulo: EDIPRO, 2011.
- CICERO. **De Re Publica:** Selections. Edited by James E.G. Zetzel. United Kingdom: Cambridge University Press, 1998.
- CICERONI, M. Tuliü. **Orationes tres de Lege Agraria.** Recensuit Aug. Willh. Zumptius. Berolini: Apud Ferdinandum Duemmlerum, 1861.
- CORNWELL, Hannah. **Pax and the Politics of Peace.** Republic to Principate. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- DUFF, J.N. **A Literary History of Rome:** from the Origins to the Close of the Golden Age. London: Ernest Benn Limited, 1960.
- ERKER, Darja Šterbenc. **Ambiguity and Religion in Ovid's Fasti:** Religious Innovation and the Imperial Family. Leiden; Boston: Brill, 2023.
- GRIMAL, Pierre. **O século de Augusto.** Tradução de Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997.
- HORÁCIO. **Odes:** inclui o cântico secular. Tradução, introdução e notas de Pedro Braga Falcão. São Paulo: Editora 34, 2021.
- MARTINS, Paulo. **A representação e seus limites:** pictura loquens, poesis tacens. São Paulo: Edusp, 2021.
- MARTINS, Paulo. **Imagem e poder:** considerações sobre a representação de Otávio Augusto. São Paulo: Edusp, 2011.
- OVÍDIO. **Amores; Arte de amar.** Tradução, introduções e notas de Carlos Ascenso André; prefácio e apêndices de Peter Green. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- OVÍDIO. **Fastos.** Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior; revisão de tradução de Júlia Batista Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

QUINN, Kenneth. **Texts and Contexts**: the Roman Writers and Their Audience. London; Boston; Henley: Routledge; Kegan Paul, 1979.

SALÚSTIO. **A conjuração de Catilina**. Organização e tradução de Adriano Scatolin. São Paulo: Hedra, 2018.

- ¹Cf. Cornwell, 2017.
- ²Cic. *De leg. agr.* II, 9.
- ³Tradução nossa.
- ⁴Cf. Arena, 2020; Cornwell, 2017.
- ⁵Cic. *De rep.* I, 1.
- ⁶Tradução de Amador Cisneiros.
- ⁷Cic. *De rep.* VI, 11.
- ⁸Tradução de Amador Cisneiros.
- ⁹Na comédia *Anfitrião*, há uma passagem em que o personagem Sócia, ao se deparar com o deus Mercúrio transfigurado em sua pessoa, suplica que a verdade seja estabelecida. Percebe-se, nesse diálogo entre os dois personagens, que há um tom de zombaria com relação aos acordos de paz, posto que o deus se apresentara na peça como um “mensageiro de paz”: “*Propterea pace aduenio et pacem ad uos fero*”, Pl. *Amph.*, v. 32 (Por isso venho em paz e trago a vós a paz; tradução de Leandro Dorval Cardoso).
- ¹⁰Cic. *Ad fam.* v, 21.
- ¹¹Caes. *De bel. civ.* I, 26.
- ¹²Tradução de Antonio da Silveira Mendonça; grifos nossos.
- ¹³Conforme sugere Cornwell (2017) ao longo de toda a sua obra, mas, em especial, no capítulo 1, intitulado “*The meaning of Pax*”.
- ¹⁴De início, o calendário romano possuía dez meses, principiando em março. Foi observado que os dias do ano não correspondiam à realidade, pois tomavam como base as fases lunares. Alguns calendários foram propostos, aumentando o número de meses, alterando ou diminuindo o número de dias de cada mês, abrindo espaço para alguns jogos de poder. Por exemplo, o mês de agosto, correspondente ao antigo mês Sextilis, recebe mais um dia para se igualar ao mês de julho, cujo nome homenageia Júlio César, que possuía 31 dias.
- ¹⁵Sal. *Bel. Cat.* I, 3, 3-5.
- ¹⁶Tradução de Adriano Scatolin.
- ¹⁷Aug. *Res gest.* I, 1.
- ¹⁸Tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos.
- ¹⁹Aug. *Res gest.* I, 3-4.
- ²⁰Tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos.
- ²¹Aug. *Res gest.* I, 29.
- ²²Tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos.
- ²³Cf. *Res gest.* I, 12.
- ²⁴Grimal, 1997, p. 44.
- ²⁵Suet. *Div. Aug.* 69.
- ²⁶Tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos.
- ²⁷Suet. *Div. Aug.* 71.
- ²⁸Tradução de Matheus Trevizam e Paulo Sérgio Vasconcellos.
- ²⁹Para uma maior discussão acerca da construção da representação de Augusto, consultar a obra de Paulo Martins, 2011, onde o autor discorre plenamente sobre como a literatura, a escultura e a numismática são utilizadas para se construir uma imagem com fins à manutenção de poder, manipulando o passado para uma formação plena desta construção imagética. A obra de Martins, de 2021, dá continuidade a tal discussão, ampliando o tema para a utilização de éfrases, símiles e outras figuras na construção de imagens ao longo dos tempos.
- ³⁰Aqui emprego em jargão militar, significando “soldado”, “companheiro de armas”.
- ³¹Cf. Duff, 1960, p. 432 e seguintes.
- ³²Grimal, 1997, p. 61.
- ³³Hor. *Carm. saec.*, v. 57-58.

- ³⁴Tradução de Pedro Braga Falcão.
- ³⁵Até então os rituais eram notadamente noturnos.
- ³⁶Cf. Suet. *Div. Aug.* 1.85.
- ³⁷Suet. *Div. Aug.* I, 86.
- ³⁸Cf. Quinn, 1979.
- ³⁹Duff, 1960, p. 400.
- ⁴⁰Não temos muitas notícias a seu respeito, a não ser que compôs seis elegias, que nos chegaram apenas ao *Corpus Tibullianum*.
- ⁴¹Ov. *Am.* I, 1, v. 1-4; I, 1, v. 21-28.
- ⁴²Tradução de Carlos Ascenso André.
- ⁴³Ov. *Am.* I, 9, v. 1.
- ⁴⁴Cf. Erker, 2023, p. 10.
- ⁴⁵Como Douglas Gonçalves, 2016.
- ⁴⁶Erker, 2023, p. 11.
- ⁴⁷Ov. *Fast.* I, v. 277-282.
- ⁴⁸Doravante, todas as traduções dos *Fastos* são de autoria de Márcio M. Gouvêa Júnior.
- ⁴⁹Marco Licínio Crasso, contentor da revolta de escravos liderada por Espártaco em 73 a.C. Juntamente com Júlio César e Pompeu formou o primeiro triunvirato.
- ⁵⁰Ov. *Fast.* VI, v. 465-468.
- ⁵¹Ov. *Fast.* I, v. 709-722.
- ⁵²Ov. *Fast.* II, v. 7-18.
- ⁵³Ov. *Fast.* II, v. 125-126.
- ⁵⁴Cf. *Fast.* II, v. 127-132.
- ⁵⁵Ov. *Fast.* II, v. 139-144.
- ⁵⁶Ov. *Fast.* VI, v. 808-812.